

Henrique Pongetti *apresenta*



# O SHOW DA CIDADE

## OS APOTEOSADORES DO INSUCESSO

**EXISTE** na terra um povo tão bem formado moralmente que possa gabar-se de suportar o sucesso alheio sem um sentimento de inveja, de revolta e de frustração? Não existe, nem existirá jamais. O homem é um animal visceralmente invejoso, e êsse defeito é o seu esporão para projetar-se à frente na corrida pelo sucesso. Tenho lido nas confidências de grandes espíritos a confissão sincera e corajosa de seu insuportável sofrimento diante do triunfo pleno, inequívoco, dos seus rivais diretos. Alguns o padeciam fisicamente e tinham de afastar-se de tudo e de todos que o avertissem, opondo-se ao seu desejo irrevelado de esquecê-lo. Às vezes metiam-se na cama, trancados no quarto. Liam exclusivamente os clássicos, aquêles que, lançando do fundo de outros tempos sua claridade ofuscante, já não lhes faziam sombra.

\*\*\*

**UMA** qualidade têm certos indivíduos realmente superiores: sabem esconder sua inveja e ainda arranjam do seu senso de ética força para dar ao vitorioso a impressão de que se sentem profundamente felizes com seu êxito. Portanto, sendo impossível ao ser humano evitar seu despeito, sua raiva contra os louros alheios, deve ser considerado pessoa de excelsas virtudes aquêle que resiste ao impulso de desmascarar-se, de impugnar a consagração, de tirar da cabeça do triunfador a coroa de louros para com ela temperar sua insôssa e odienta feiloada.

\*\*\*

**NÓS**, brasileiros, não somos mais invejosos do que os povos que dominam a civilização do nosso século, mas somos dos que menos sabem encobrir sua incapacidade de suportar cavalheirescamente o aplauso aos seus semelhantes. Saint Hilaire já o observara, e daquele Brasil primitivo, de puros instintos, ao de hoje, suficientemente esclarecido, em nada mudamos. A ascensão dos outros nos ofende como se importasse na nossa descensão compulsória: o nome dos outros em "manchette" arde em nossos olhos como um jato de vitríolo: todo o nosso passado de sucessos parece ficar anulado diante de alguns instantes de ovação. Nas primeiras teatrais e nas tardes de

autógrafos você descobre indivíduos lívidos, de mãos glaciais, de olhos vidrados, contando as mãos que batem palmas e os livros que recebem a assinatura do ignominioso ladrão de atenções. Em torno de cada vencedor forma-se uma legião de supostos vencidos cheios de ódio, semelhantes, em sua atitude, aos bandos de moleques tascadores de balões, mas com uma diferença: êstes tascam o balão que cai, aquêles tascam o nome que sobe.

\*\*\*

**VOCES** acompanharam nossa imprensa nos comentários à recente apresentação da BOSSA NOVA no Carnegie Hall, em Nova York? Alguns colunistas honestos registraram o insucesso examinando-lhe as causas, buscando os responsáveis, separando os nossos artistas e a nossa música do infausto balanço da noite. Mas um cardume imenso de piranhas da letra de fôrma surgiu de tôda parte proclamando o fracasso em caixa alta, gozando em escrever a palavra fracasso como se lhes estivessem fazendo um cafuné em sua inveja e em seu rancor; deixavam ver na sua euforia o contentamento causado pela falta de êxito. Nunca haviam tomado conhecimento da existência da Bossa Nova no país, e muito menos da sua exportação: a oportunidade de aplaudir um malôgro parcial, remediável, fêz essa claue do negativo dar ao acontecimento relevo igual ao da retirada dos foguetes de Cuba, ao do Concílio Ecumênico.

\*\*\*

**HÁ** POUCAS semanas passou pelo Rio o Laurindo, conhecido violonista carioca radicado nos Estados Unidos. Lá o homem fez o fundo musical para bons filmes, e num dêles preencheu sozinho, ao violão, tôda a trilha sonora. Ganhou uma das maiores láureas da América como músico popular. É ALGUÉM no maior centro de competição humana do universo. Ninguém aqui notou sua presença. Ninguém aqui inventariou seus sucessos; todos amoitaram porque bom, mesmo, é festejar a volta dos derrotados. No ano 3000, se Deus quiser, Saint Hilaire modificará sua opinião e dirá que o brasileiro é um homem que sabe mascarar admiravelmente sua inveja. Até lá cada um vá fazendo do seu sucesso e da sua dor um poema ou um samba.